

Copyright © Editora Patuá, 2020.  
*Curral de peixes* © Léo Prudêncio, 2020.

Editor  
Eduardo Lacerda

Assistente editorial  
Ricardo Escudeiro

Capa, projeto gráfico e diagramação  
Alessandro Romio | Instagram: @romioland

Administrativo e comercial  
Pricila Gunutzmann

**P971c Prudêncio, Léo**

**Curral de peixes. / Léo Prudêncio — São Paulo:  
Editora Patuá, 2020.**

**ISBN**

**1. Poesia Brasileira. 1. Título.**

**CDD – 869.1**

Ficha catalográfica elaborada por Janaína Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia Brasileira : Literatura brasileira

869.1

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Patuá – Livraria Patuscada

Rua Luís Murat, 40

Vila Madalena – São Paulo – SP

(11) 96548-0190

editorapatua@gmail.com

www.editorapatua.com.br

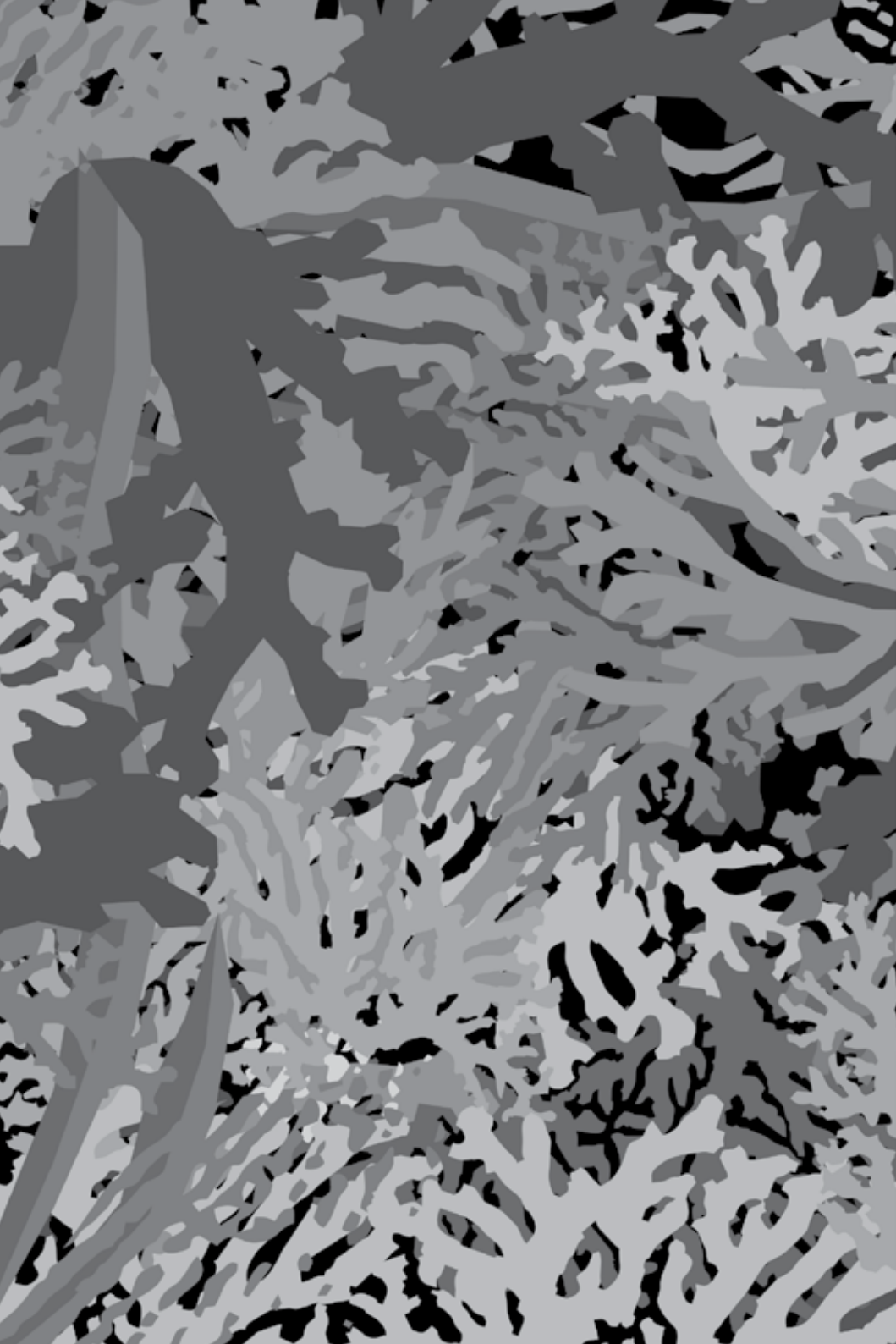
# curral de peixes

léo prudêncio

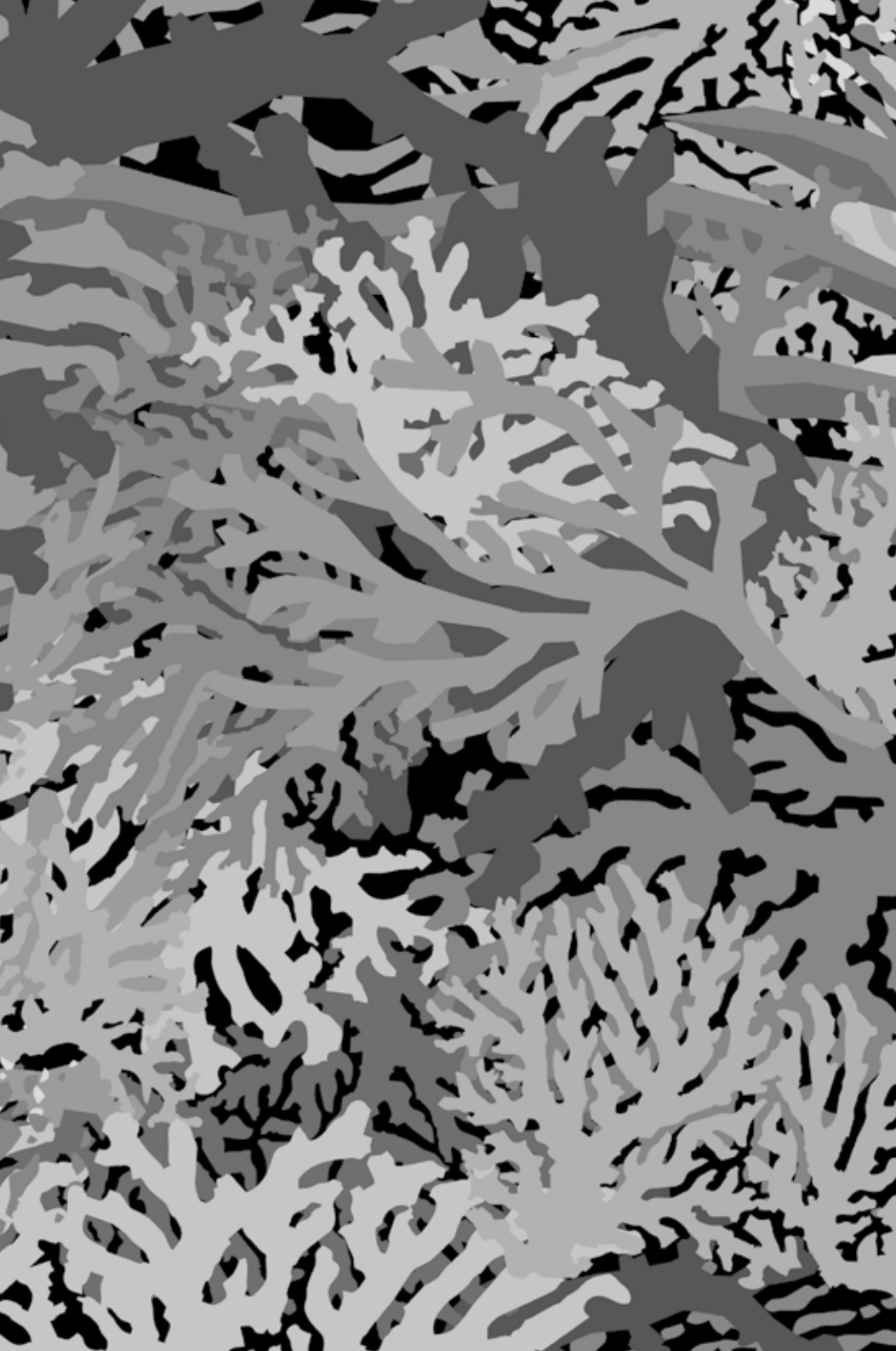




|           |                     |
|-----------|---------------------|
| <i>13</i> | Imprecisa palavra   |
| <i>57</i> | Poética das árvores |
| <i>85</i> | Letras [2011-2018]  |
| <i>97</i> | Posfácio            |



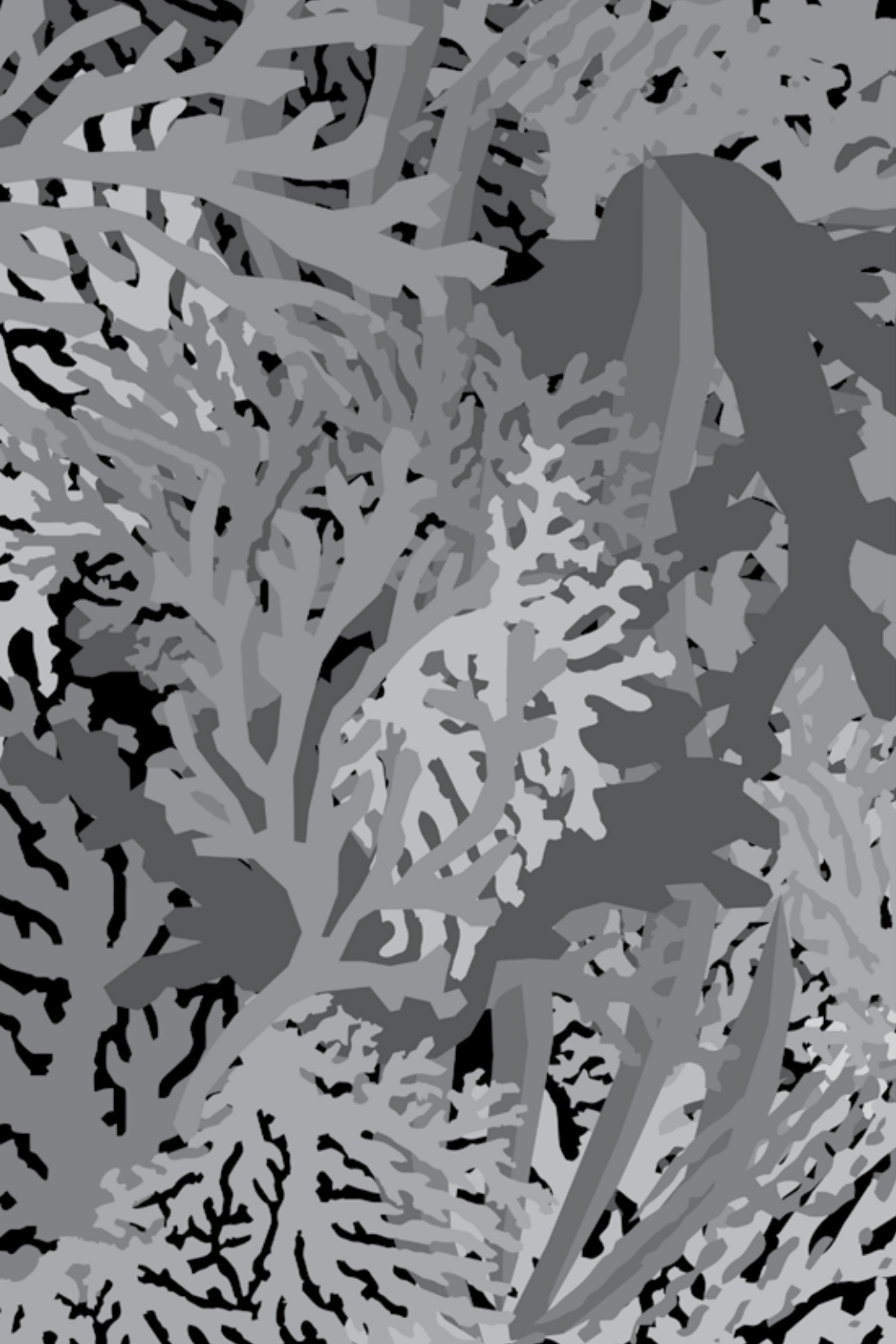
*ao amigo: alves de aquino*

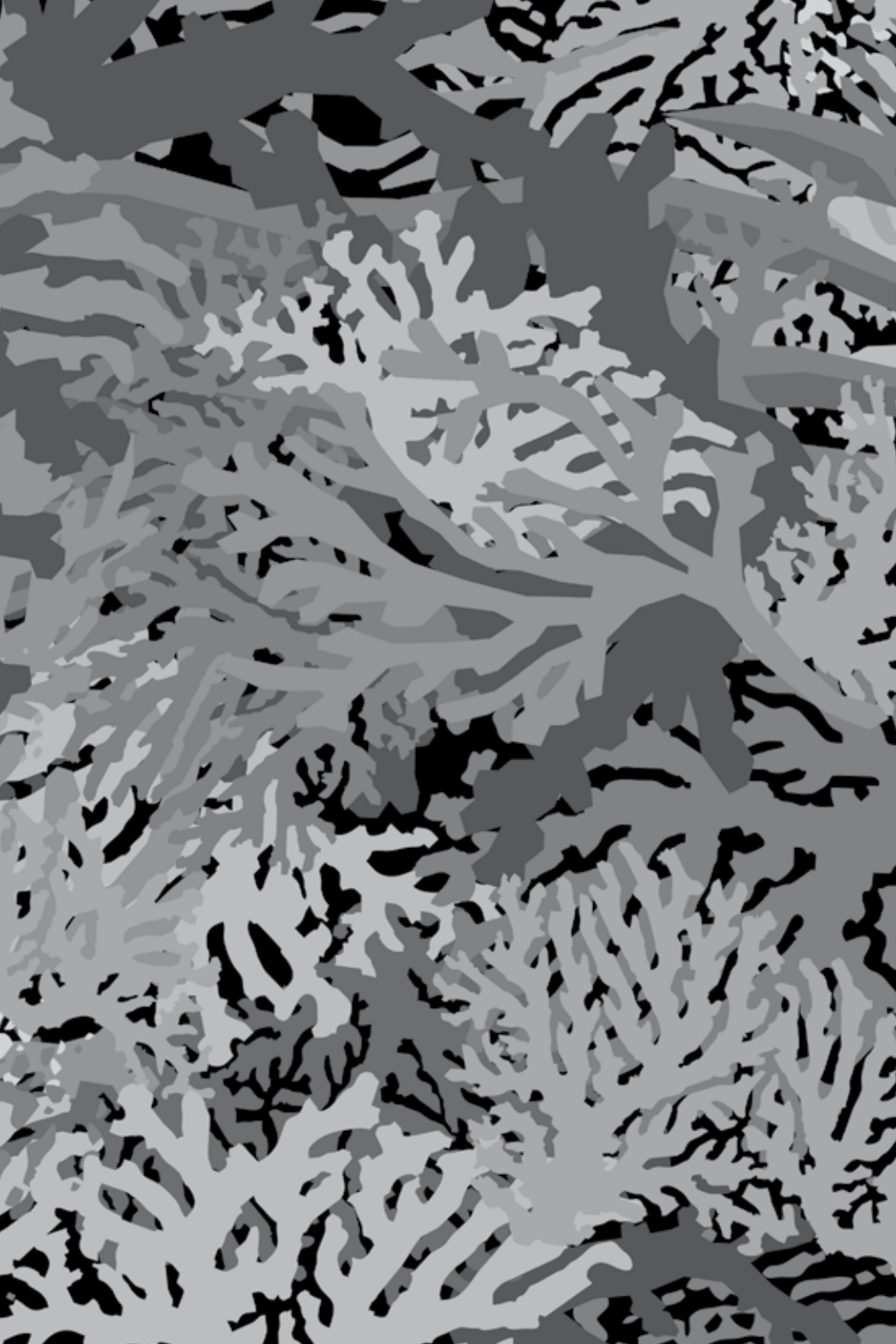




*a emoção ficou no poeta,  
não no poema*

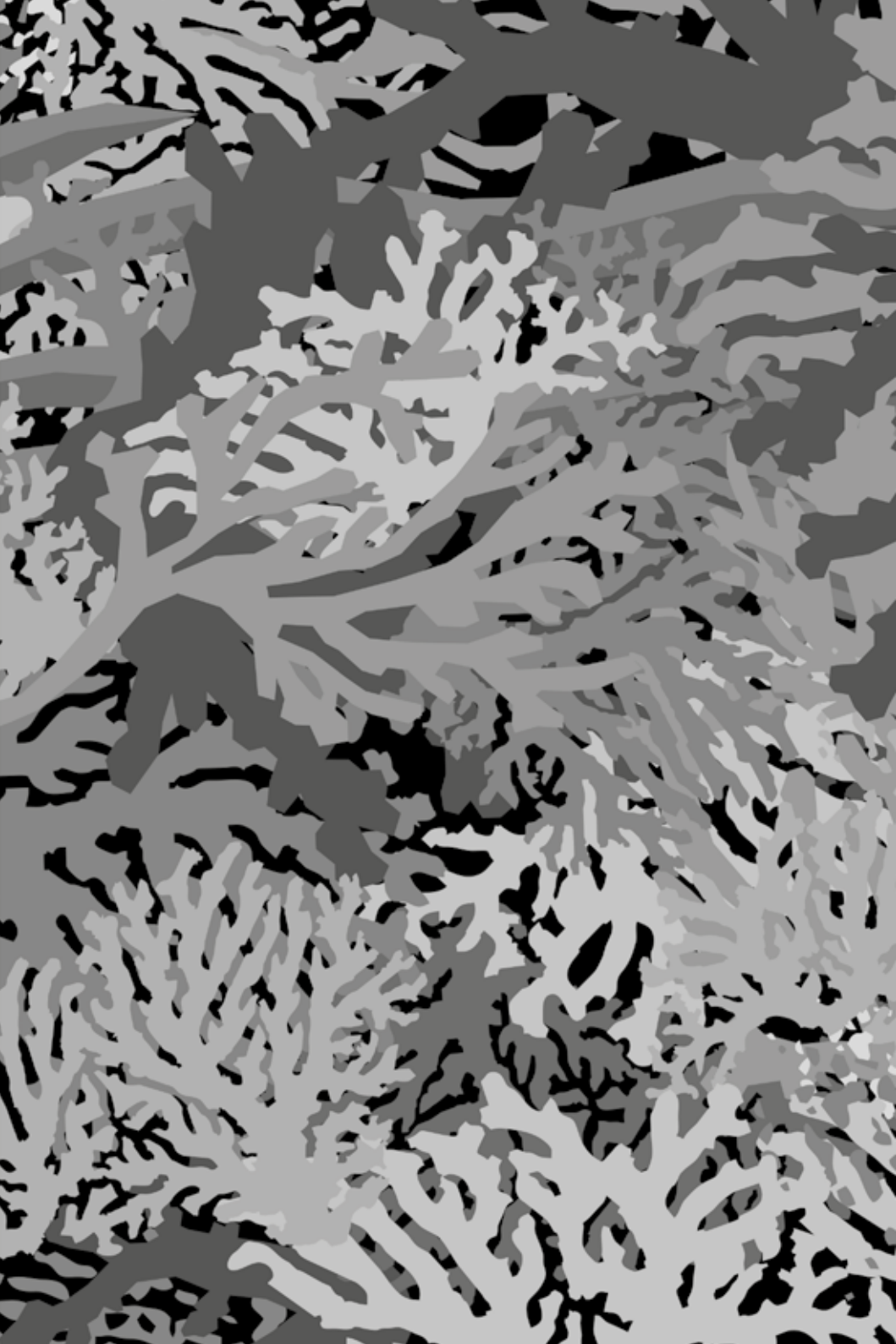
**joan brossa**







**Imprecisa palavra**



fitar a ave pousar  
no braço de árvore  
em segurança  
é quase um exercício de monastério.

-

mas é que todo dia acordo  
metamorfoseado em  
gregor samsa  
e nem aves avisto mais  
cá em mim.

acredito na  
imortalidade da  
palavra.  
não creio em intenção  
de poeta. a intenção  
na poesia é não  
ter intenção alguma.  
por isso que –  
poeta: tecedor de sons  
e  
poema: tecedor de silêncios.



viajantes do tempo  
inocentai o poeta. ele não sabe o que diz.  
este. a saber. representante  
involuntário de sua época.  
eis aí um cidadão expatriado  
da república de platão.  
o poeta não representa nem a si próprio.  
falante de um dialeto-rã arcaico.  
a sua poesia é palavra calcificada.

(haverá um tempo  
em que poetas  
não mais existirão)

o que caetano veloso escreveu  
sobre são paulo  
no poema-canção *sampa*  
era o que eu queria ter escrito sobre goiânia  
em algum de meus versos

tomo nota para algumas adaptações:

1. a poesia daqui não é concreta
2. não há por aqui poetas de campos e espaços
3. não há ritas lee traduzindo esta cidade
4. as moças deselegantes daqui não são discretas

-

goiânia possui a arquitetura de minha solidão.

se comportar como  
uma árvore em meio  
a um incêndio florestal.

talvez seja isso:  
o amor em tempos líquidos –

uma flor

muda

aberta para

qualquer silêncio:

- que a colha

uma flor veio  
me visitar fora da primavera

como um lagarto que sai a captura de sóis:  
o poeta sai da toca

o silêncio prefere  
o ombro dos besouros –

numa casa vazia: imune a sons humanos.  
empenhada de aves e insetos



girassóis na contraluz  
do luar de teus olhos: lua-nova

botar datas em cartas de amor  
é estipular vencimento.

como livros best sellers:

*quero decolar toda manhã*  
- arnaldo baptista

o mundo corrói há menos d'um século.  
mas uma máquina espacial nos aguarda  
nos confins d'universo. vejo no binóculo  
o voo-cego-belo dessa tua antevida:

voltar pra casa embalado num casulo  
é realidade neste brasil cego/mudo;  
início de manhã embalad'em flóculo  
é sonho pr'aquele que não cresceu fecundo.

falta pouco decolar na nave, espera:  
que o dia inda vai ter que nos alvorecer  
nos confins desse agora-breve fim de era.

decole comigo neste meu escrever.  
a vil flor da poesia em teu azulolhar;  
já é bem a hora de te conheciviver.

pala  
cort

avra  
ada

si  
lê  
n  
cio

iguantánamo!

**DEPOIS DO ZERO O INÍCIO NÃO ROTATIVO**

tempo.

tempo.

tempo.

o que é o tempo  
quando diante da voz silenciosa  
de alguma árvore.

*e assim esse besouro morto no caminho  
não pranteado, brilha ao sol*  
- wislawa szymborska

um besouro morto  
é levado pelo lago...  
quem terá providenciado  
esse cortejo fúnebre?

as folhas da mata  
agitam-se formando um som...  
quem terá providenciado  
essa marcha fúnebre?

(a resposta  
está no  
ato de  
indagar)

e quando  
a ânsia

pela palavra / silêncio  
não vem:  
só:  
joão joão hermeto ed  
gilberto donato pascoal motta

na causa:



um elefante  
admirando o  
por do sol

- era essa a sua meta?

já não conto  
mais os dias  
nem lembro  
que idade tenho

- não nasci para números.

- já não fazem mais poetas como antigamente.  
vociferam reacionários de plantão

mas o poema

de hoje

possui a tapeçaria desse tempo  
inadequado talvez...

mas esse é o nosso tempo  
e este agora que nos rodeia  
pede cada vez mais e mais poesia.

eu sou esse agora: poeta. talvez.

a amor:

é uma falta que me completa

uma falta que não me cabe

um por acaso que me declina

um afeto que me afeta

um não ficar em si

a amar:

é se desprender de si e do outro

é se reconhecer como o menor dos seres

é ampliar a solidão que há em si

é o amor que primavera em mim

e enquanto a amo é que existo

## **glauber rocha – revisitado**

o sertão vai vir a amar

o sertão vai virar mar

o sertão vai virá má

o sertão vai vir

o sertão vai

o ser tão vá

o ser tão

o ser

o se

o s

o

## **sobral blues**

crianças sorrindo  
enquanto jogam bola  
em um descampado de barro e lama

mulheres lavando roupa  
às margens do acarajú

ruas com calçamento  
e poucas ruas com asfalto

e o arco do triunfo  
solitário na avenida

(essa é a sobral que habita em mim)

## **cacaso te conto um caso**

não trate com  
poesia  
quem lhe trata com  
prosa

## **meruanhos**

*p/ cláudio de oliveira*

**1.**

caminhando na  
meruoca meu silêncio  
conversa com teu  
silêncio.

2.

meruoca em silêncio.

o espírito de bashô  
repousa nos galhos  
dessas árvores verdes –



### 3.

céu em nuvens:  
a sombra de deus caminha  
pelo ceará –

## **retrato do artista quando palavra**

*p/ manóel de barros*

**1.**

só sei escavar versos  
partindo por palavras em desuso  
fora isso  
sou tão comum  
quanto qualquer outra pedra  
e sou tão incomum  
quanto qualquer ser humano

2.

corromper a imagem das coisas é papel da poesia  
o poeta é um mero transcritor de códigos  
escavamos de nosso próprio abismo o particular de cada  
poema  
cada palavra desenhada aqui é uma parte de mim que se vai

3.

a palavra é a rasura verbal das coisas

4.

do poeta?

já não se sabe mais

se é gente coisa animal ou árvore

talvez ele tenha se camuflado em alguma palavra

## **solos de flauta doce**

### **1.**

a palavra

- guia mestra do poeta -

segue seu caminho

sinuoso pela folha

rasurando o silêncio

do não-lugar

a palavra é:

descruzadora de sentidos

formadora de colunas

a força ativa de deus

2.

o meu amor  
é bandolim  
afinado em ré  
e o que sou  
quando junto dela:  
uma valsa  
tocada em si bemol

(não falo de amor:  
toque-desejo-posse.  
falo de harmonia:  
acordes que se completam)

### 3.

solidão cercada  
por cimento concreto e asfalto  
acima e nos lados  
pirâmides modernas  
erguidas e esculpidas  
por escravos  
a concretude da vida  
está guardada em cada um de nós e nas palavras

abaixo de mim  
apenas o chão de concreto

sou o além-chão  
e  
compactuo com  
seus seres rastejantes



sou o lado sólido da palavra

eu sou um poema erguido  
como se erguem colunas em paredes:  
sólido  
medido  
e  
estruturado

## 4.

eu sou o não-ser  
o princípio do precipício  
o amigo do louco  
o ser etéreo

sem som  
sem voz e notas agudas  
sou ainda a voz inaudível  
sou aquilo que se escreve e que não se concretiza  
sou o fundo do mar  
ou ainda: sou o início do fim da via láctea

[ainda serei  
mas não posso vir a ser  
se já não sou]

## 5.

o passado toma forma em tudo o que construí  
poderia afirmar que ele é o motor do meu corpo  
ou a força que move o meu caminhar  
o passado está em mim  
ele me vigia e me acompanha  
aonde eu for o passado irá comigo  
como a sombra d'um mandacaru

6.

a

intensidade

das

pequenas

coisas

faz

falta

no

dia

a

dia

7.

a palavra semente  
germinará  
no campo branco da página  
florescerá em quem a ler  
e  
murchará  
no esquecimento  
volúvel dos dias

8.

sigio calmamente  
o vai e vem  
da folha seca  
que dança agarrada  
ao vento:

flutuando  
no ar

9.

após descompassadas notas:  
o aplauso o silêncio o nada

fim do espetáculo  
morte  
e fim  
de mim

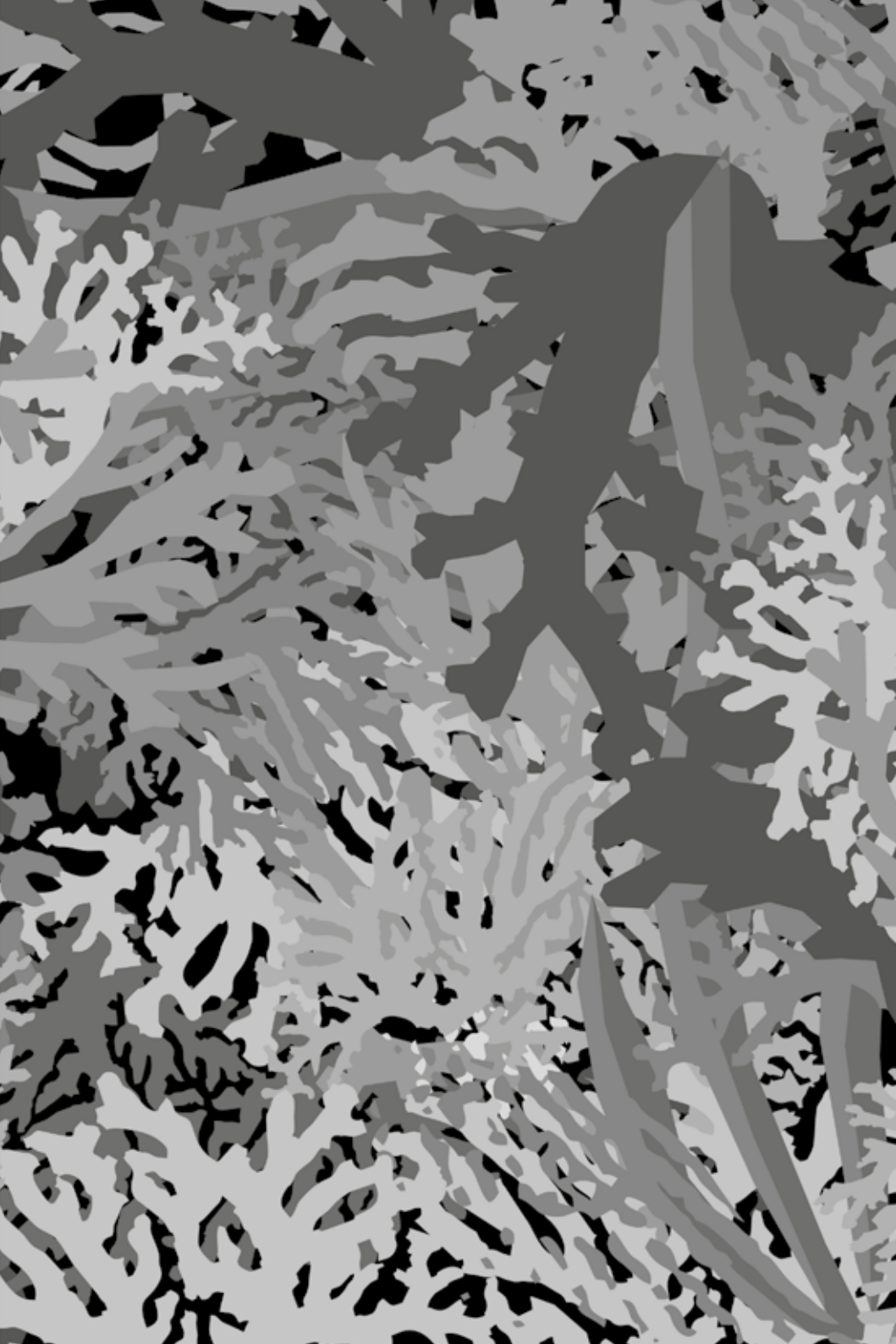
.

(a vida não é um vinil com faixa bônus)





**poética das árvores**



1

atravessam  
minha visão de sol –  
formigas. verão

2

as árvores já  
sabem dos anseios do  
poeta. inverno

3

andarilho tanto  
que besouros me confundem  
com chão. outono

4

que aconteceu –  
nenhuma estrela  
tocou a lua

5

anoto a folha que  
cai. anoto: noto o  
outono que vai

6

o silêncio leva  
os pássaros pro outro  
lado da rua

7

o silêncio tatuou  
sua voz na face das  
folhas. outono

8

*p/ renato pessoa*

quando o poeta  
arboresce – o silêncio  
para e vê:

9

a poesia elege  
os seus. como as aves  
elegem suas árvores

10

todas as aves  
sumiram – para onde  
foram. logo hoje:

## 11

nada justifica  
esse desfarelar de  
estrelas sem lua

## 12

uma árvore  
estacionou o outono  
no teu ombro –



13

flores borbulham  
cores nessa manhã  
pincelada à sol

14

outono – o caos  
remodela o contorno  
das árvores

15

- pássaros não  
tem costumes de  
chão

16

nuvens sem aviões  
para furar suas cavidades.  
côncavas manhãs:

17

escavou o que  
havia de silêncio. nas  
extremidades do ser:

18

passar o fim de  
tarde ouvindo pássaros –  
outono já vem

## 19

o cão ladra – mas  
os pássaros não fogem.  
ensinamentos:

## 20

estendi todo  
orvalho num braço de  
árvore. visagem:

## 21

laçar o vazio  
dos galhos de árvore  
no inverno: palavra

## 22

me escondo de  
lua. quando de ver teu  
sorriso à mar

23

me disfarço de  
árvore para compreender  
o idioma das cigarras

24

flerto com o  
perigo. navego  
indeciso

25

é noite. a lua  
de outono te aguarda.  
eu também

26

um búfalo ao  
sol – metáfora para  
este silêncio

27

a ausência de  
lua deu espaço às  
estrelas –

28

jogral perdido  
nas matas do sertão –  
aves o vigiam



29

insetos me vigiam –  
vasculham meu silêncio:  
de verão a verão.

30

do galho do pé  
de caju. a luz da lua  
cambaleia

31

escrever é  
frutificar o real.  
instante:

32

árvores e pássaros  
de comum acordo que  
me encontre em ti

## 33

vasculho o  
silêncio perdido de  
estrela ao mar

## 34

um monumento  
ao silêncio – eis o ofício  
do poeta:

35

repousa em teus  
galhos toda a vista  
da primavera

36

o silêncio varre  
as folhas dos galhos  
de árvore. sertão

37

entupido de  
vazio: cadáver de  
cigarra: verão

38

repetir uma  
palavra – até conseguir  
enverga-la

39

palavra. quando  
cheira a mofo. vira  
poema. manual:

40

entre palavra  
e palavra: silêncios  
as conectam

41

*p/ meu gatinho*

bartô galeno.

travesso. furou todo

silêncio da lua.

42

*p/ meu cãozinho*

o velho chico

urina minhas plantas

sem pudor algum

43

pingos de chuva  
fazem do meu telhado  
xilofone

44

subtrair do chão  
camadas de silêncio.  
resíduos. nadas.



45

alta noite.

chove: no coração

de um pássaro

46

pássaros te

prenciam das copas

das árvores

47

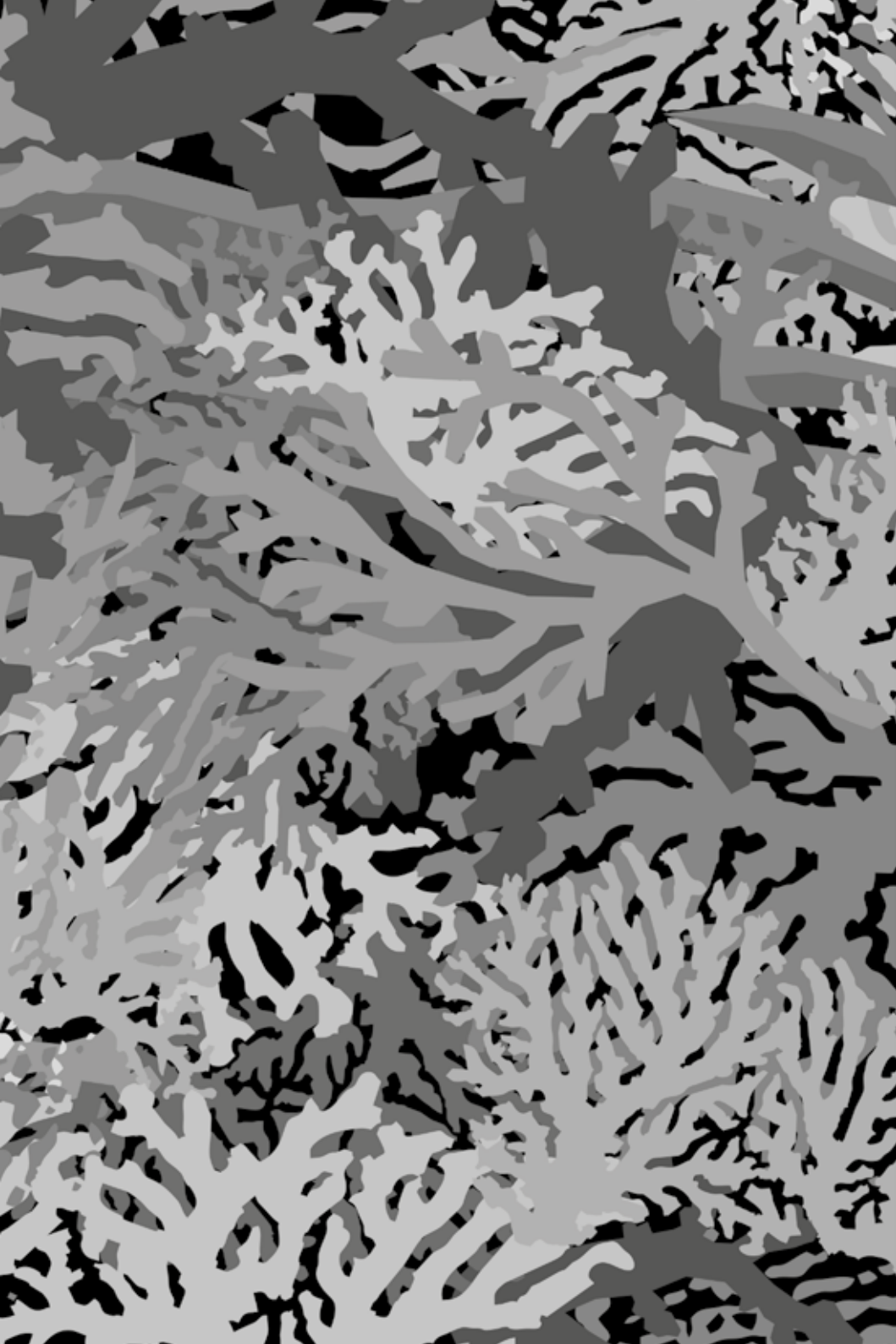
reescrever: até  
germinar uma árvore  
do poema –

48

havam flores aqui  
antes do inverno nos  
ditar suas ordens

49

escavar da raiz  
do pé de ata algum  
silêncio perdido



**Letras [2011-2018]**



**Nota:** registro junto a esta antologia o nome dos que se arriscaram a vasculhar algo de musicalidade nessas letras para canções. fazer música é firmar velhas e novas amizades





## **1. Mike, o soldado**

*[Léo Prudêncio/ Renan Dias/ Kleber Silva]*

Fraco eu estou venho de uma guerra  
O bem e o mau mais uma vez  
Enfrentaram-se dentro de mim  
Como soldados postos em guerra  
Lutamos contra o bem e o mau  
E quando o sol se vai  
As nossas forças continuam, ah sim!

Mais uma vez estamos em guerra  
Mais uma vez estou à tua espera  
Mais uma vez outra vida se encerra.

## **2. Me chamam de saudade**

*[Léo Prudêncio/ Renan Dias/ Kleber Silva]*

Já fui poeta  
Já fui cantor  
Hoje não sei mais  
Quem eu sou.  
Vago pela cidade  
Meus amigos me chamam  
De saudade.

Ando pelas ruas a cantar  
Ando sozinho a pensar  
Como seria tão bom  
Ter alguém pra dividir  
Essa saudade.

Saudades de você  
Saudades de nós  
Vontade de ser

E não ser  
Vontade de te abraçar  
E expulsar essa vontade.

### **3. Brasileiro**

*[Léo Prudêncio]*

Não quero carnaval  
Não quero futebol;  
Eu quero é progresso  
Para o povo brasileiro.

Não quero carnaval  
Não quero futebol  
Eu quero é progresso  
Para o povo brasileiro

Progresso para  
O povo brasileiro

Progresso para  
O povo brasileiro

Progresso para  
O povo brasileiro

#### **4. Folia dos dias <sup>1</sup>**

*[Léo Prudêncio/ Artur Araújo]*

Cidade tua solidão me invadiu  
Hoje tudo que restou foi saudade  
Daquele verde mar e do vazio  
Quase na beira do mundo me deixou  
Folia dos dias que chegam pra ficar  
No batuque da vida a gente se encontrou

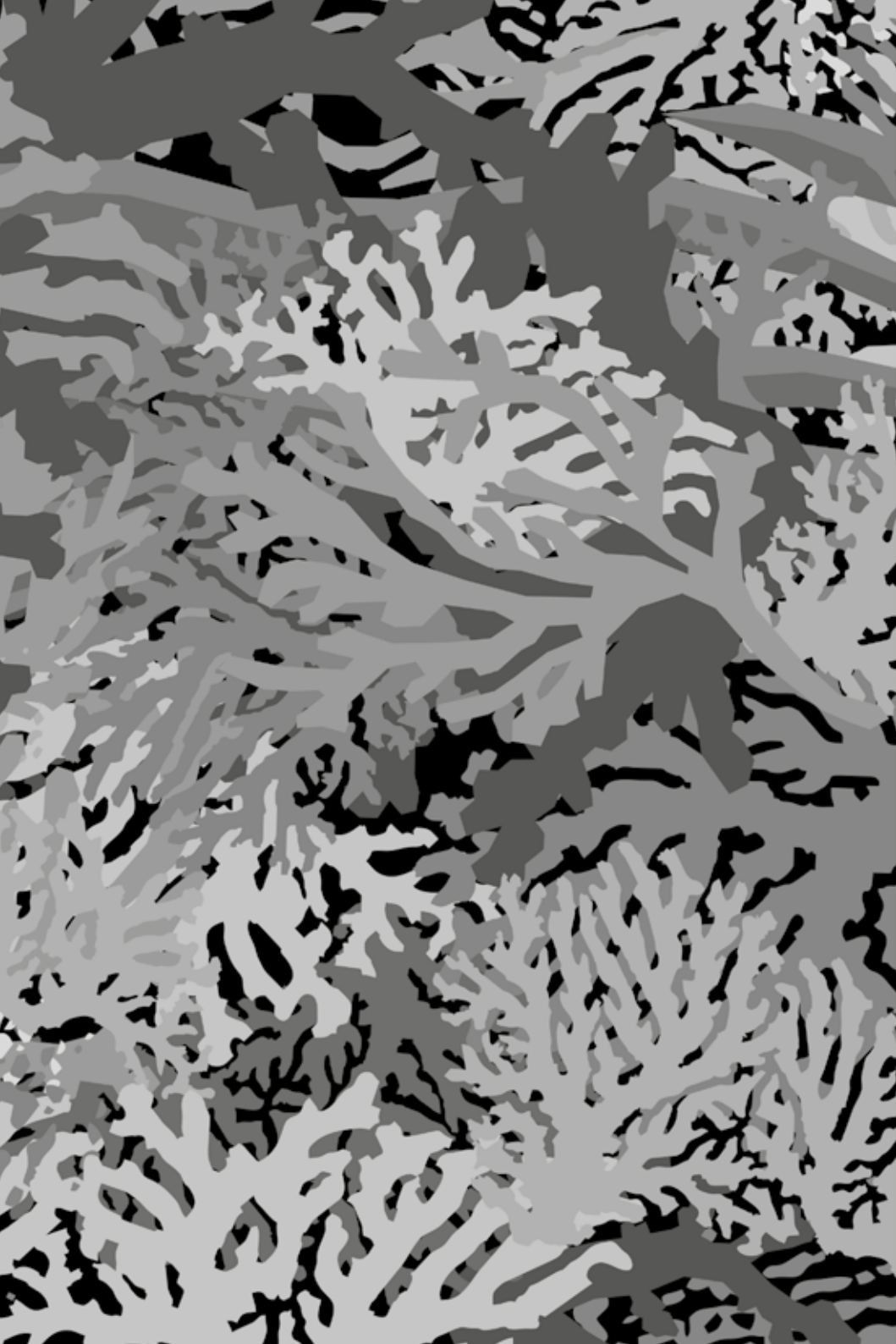
O bloco passa carnaval chega  
Mil avenidas cores no chão  
Morada e ternura da multidão  
Som da cidade tribos e rimas  
Toda mistura de gente no verão  
Morada e ternura da multidão

Cidade eu sigo a tua sina  
Talvez vou cair no abismo da rotina  
Parar de ler o jornal para olhar o céu  
Todo o dinheiro do mundo não comprou

Dançar no batuque da vida, coração  
Deixar o sol invadir-me de cor

O bloco passa carnaval chega  
Mil avenidas cores no chão  
Morada e ternura da multidão  
Som da cidade tribos e rimas  
Toda mistura de gente no verão  
Morada e ternura da multidão

1 \_\_\_\_\_  
<https://soundcloud.com/arturaraujooficial/fofia-dos-dias-artur-araujo>







## **Posfácio**



## **(IMPRECISADAS) PALAVRAS DE DEPOIS**

*por Dércio Braúna\**

### **[ 1 ]**

O que se diz depois do texto não é dívida que se cobre ao poeta, deste peso seus ombros hão de estar aliviados; é uma justiça que lhe devemos. Muito já labutou ele nesse exercício de desconserto da palavra, de desajuntamento do sentido acostumado, de sementeira do verbo. As contas que lhe cabem devem de ser essas: de medir o tanto de seus coseguimento nesse labor lavral. Eis o que certo e justo é.

Todavia, se palavras de depois se escreveram, sendo elas responsabilidade intransferível de quem as escreveu,

há que reconhecer em seu existir mesmo o trabalho de se-meadura do poeta. Se há um dizer de depois, há de ser por algo ter ficado no texto, algum resto de qualquer coisa, alguma incompreendida e inconclusória emoção ficada encardida na palavra que, no fabrico do texto, na artesanaria do poema, não soube o poeta limpar.

É como sempre cri.

Mas se o poeta disser o contrário disto? Se um poeta ofertar sua escritura ao mundo apondo à porta de entrada de sua casa poética um dizer de que nada restou encardido no poema, que (avaro, mesquinho, egocêntrico) tudo ficou no poeta? Se assim ele disser, será possível algum dizer depois desse texto?

O que aqui vai escrito, essas (imprecisadas) palavras de depois, é uma resposta à pergunta ficada; a um poeta (avaro, mesquinho, egocêntrico) que assim procedeu; que tan-geu sua escrita avisando já na página-umbral de seu livro que nada ficou no poema, que tudo está lá, com ele, poeta.

Mente esse poeta. Com alguma liberdade que um afeito amigo permite, ousou a afirmação: um poeta mentiu. Mentiste, poeta.

Mas trata-se de uma mentira que é verdade. Eu sei. Eu sei do que fica no poeta. Sei do que, depois de tantas pa-

lavras pelas páginas, fica na solidão da carne viva sua, no silêncio encarnado de seu *escreviver*. Eu sei dessa verdade a que o texto, quando livro feito e dado ao mundo, faz pensar ser mentira; faz pensar que tudo ficou na incisura da palavra grafada sobre o papel. Eu sei que não. Eu sei que tua mentira é verdade, poeta. Ah, como sei!

Talvez seja mesmo como disse o velho mestre, criatura *bugral* a andarilhar por essas páginas, numas contas suas certa vez confessadas:

Do que eu poderia dizer, resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito, – o que me deixa um saldo mortal de angústia. (Barros, 2010, p. 41-42)

Eu sei desse saldo que fica, poeta! Ah, como sei.

Por isso tanto me desassossegou abrir este livro que o caro leitor, a cara leitora percorreu na tangedura marinha de seu autor, Léo Prudêncio. Por isso me desassossegou escrever estas (imprecisadas) palavras de depois.

## [ 2 ]

Desassossego. Sim, foi esse o sentimento ao abrir *Curral de peixes*. Por que Léo Prudêncio tangeu Joan Brossa pra suas páginas? Por que lhe foi buscar esse dizer de que “a emoção ficou no poeta, / não no poema”? Por que quis nos dá a saber dessa fome, já que nós, leitores que somos, guardamos sempre o desejo (confesso ou não) de que a emoção do poeta esteja ali, página após página, à espera, para alimentar-nos – saciez a ir (página à página, poema a poema, verso a verso) dos olhos à alma? Por quê? Não fosse o afeto amigo, confesso, teria atirado o livro ao longe, ao fogo, ao mar bravio, quem sabe. Não deveria poder um poeta assim receber seus leitores à porta de entrada.

Não tendo atirado o livro ao longe, ao fogo ou ao mar, mas todavia permanecendo em desassossego, que mais me restou senão buscar compreender. Por que, poeta? Por quê?

## [ 3 ]

Buscando compreender, comecei por atentar às partes do todo. “Imprecisa palavra”, “Poética das árvores” e “Letras (2011-2018)” são as partes do todo *Curral de pei-*

xes. Relendo, espiando com vagar esses atos de designação organizadores (as partes) de um ente poético (o livro, um todo) chamou-me a atenção como eles dão mostra de uma poética que abre mão do *preciso*, do enquadramento, do restritivo, do de-finido.

O que muito me agrada. Sou confesso partidário da ideia, professada por certo escrevedor indefinido, de que “definição significa de-finir. Finir, acabar.” Assim sendo, “dar uma definição é dizer a última palavra sobre o assunto.” Definir, portanto, é matar a poesia. O que a poesia faz, em sua prática de “não-finição”, é sempre o contrário dessa morte. Palavras de poesia são palavras “que iniciam a conversa” (Tavares, 2015, p. 60-61). Sempre e reiteradamente. Poesia principia mundos.

#### [ 4 ]

Algo a que o poeta Léo Prudêncio (ou Léo Samsa?, ou Gregor Prudêncio?... e mais quantos?...), coloca logo de início a quem o lê:

mas é que todo dia acordo  
metamorfoseado em

gregor samsa  
e nem aves avisto mais  
cá em mim.

O poeta é metamorfose, é aquele que se procura, “até ao mais profundo de meu [seu] ser”, esse lugar profundo “que ainda descasca” (Kafka, 2010, p. 123). Está já aí dito, ao princípio. Será que atentamos a isso logo de imediato, já que talvez (quase sempre, eu creio) nossas armas de defesa ante os ardis dos poetas nem sempre estão calibradas logo de início? Terá sido intencional? Difícil saber, já que o poeta (qual de suas metamorfoses?) declara, também logo ao início:

não creio em intenção  
de poeta. a intenção  
na poesia é não  
ter intenção alguma.

Que a tivesse, como haveria de averiguar o poeta o grau de pureza da intenção quando chegada a seu leitor? Que se saiba, ainda não se inventou nenhuma maquinaria capaz de tal transubstanciação.



Isto reconhecido, talvez seja de mais prudência pensar a questão a partir de sua ideia de que “o poeta não representa nem a si próprio”; antes se faz ele, o poeta, um “representante / involuntário de sua época”.

Não sei como lerá isto o caro leitor, a cara leitora; a mim me parece se tratar de uma confissão de humildade. Sei que há muitos que colocam aos ombros da escrita, especialmente se poética, um honroso e nobre manto de ser ela *representante* de (um povo, uma cultura, etc.). Aqui, nessa confissão, subscrevo o poeta Prudêncio: também não creio que o poeta *represente* o quer que seja. E assim pensar não implica o desejo de tirá-lo do mundo, da ordinariedade da vida e devolvê-lo à torre de marfim onde um dia foi crença ser sua morada. Não se trata disto. O poeta está no mundo e no tempo. É sua cria.

O verdadeiro poeta [...] está subjugado ao seu tempo, do qual é vassalo e lacaios, seu servo mais baixo. Encontra-se atado a ele com uma corrente curta e ilacerável, está preso a ele [...]. Sim, não fora certo sabor ridículo, diria simplesmente: o poeta é o cão do seu tempo. (Cannetti, 2009, p. 25)

Poeta, bicho rafeiro; tempo, seu dono. Eis como dito por nome de autenticada autoridade, a quem me ajunto em concordância.

## [ 5 ]

Tempo: que poeta será capaz de não lhe prestar vasalagem? De nada (devoção ou esconjuro, resignação ou fúria, etc.) lhe dizer ou perguntar?

Prudêncio o indaga:

o que é o tempo  
quando diante da voz silenciosa  
de alguma árvore [?]

Que bem se atente e repare: em sua pergunta, o poeta desconserta uma ideia feita – a de que o tempo é a ilusão de sua medição. Não é nas engrenagens dos inventos humanos que ele está. Não é nelas que Prudêncio o procura. Algo, aliás, dito por certo senhor, habitador (disto eu sei) das paredes habitadas de livros da casa de viver do poeta:

Se alguém me perguntar o que é o tempo, declaro logo

a minha ignorância: não sei. Agora mesmo ouço o bater do relógio de pêndula, e a resposta parece estar ali. Mas não é verdade. Quando a corda se lhe acabar, o maquinismo fica no tempo e não o mede: sofre-o. E se o espelho me mostra que não sou já quem era há um ano, nem isso me dirá o que o tempo é. Só o que o tempo faz. (Saramago, 1996, p. 187)

O que o tempo faz não diz o que o tempo é.

Prudêncio é disto sabedor, eu conjecturo. Tanto que concebeu uma “Poética das árvores” em que *o tempo faz* (opera, gasta, seca, semeia, enfim, faz “frutificar o real” – das árvores e de/em nós) para que a vida haja, mesmo que não saibamos dizer o que ela é. Se assim é, portanto tem razão o poeta em indagar o tempo a partir da voz silenciosa das árvores.

Uma voz que não diz o tempo pela atroz imagem do tempo-cursor, do tempo enquanto perpétuo presente, tal como “um cursor deslizando ao longo duma escala”, e cuja característica seria a de não ser ele mais que “um ponto móvel, infatigável, uma luz que corre para as trevas e deixa atrás de si as trevas” (Saramago, 2009).

Não, o tempo não é isto. Prudêncio o sabe. Sua poesia

o disse por outras imagens, por outras lógicas. O tempo de sua poesia “é quase um exercício de monastério”. Quase, percebe-se. Porque é mais propriamente uma espécie de tempo-tapeçaria: “o poema / de hoje / possui a tapeçaria desse tempo”. Que pode ser “inadequado talvez”, mas que fazer se “esse é o nosso tempo” e é “este agora que nos rodeia”? Por isso a confissão: “eu sou esse agora: poeta. talvez.”

Como se lê, e penso não ser mero acaso (que intenção carregará?, a saberemos alguma vez?), entre o ente confesante (“eu”) e a dúbia identidade confessada (“esse agora: poeta”) habita uma marca (“:”), que a leio quase como uma espécie de penso (no sentido antigo da palavra), de curativo, de uma atadura aposta sobre uma ferida havida por baixo.

É como se a identidade do poeta fosse sua ferida. (Um *como se* que é. Eu sei. E dói, eu sei.) Faz mesmo lembrar uma confissão do velho mestre *bugral*, que disse certa feita: “Minha poesia é, hoje, e foi sempre, uma catação de eus perdidos e ofendidos” (Barros, 2010, p. 42).

É como se no sinal gráfico, na convenção escriturária, o poeta desejasse dar a ver (talvez quase sem querer) o lugar de sua dor. Compreende-se: há nudez maior do que deixar ver o que verdadeiramente dói? É certo haver quem rime em sua imaginação a palavra poeta com a pompa de outras

nobrezas (arauto, bardo, etc.). Ah, ilusão das ilusões!

sou tão comum  
quanto qualquer outra pedra  
e sou tão incomum  
quanto qualquer ser humano

O poeta é bicho qualquer, como qualquer vivente; não há metafísica em sua faina. Sua vida, como a de todas as criaturas, “não é vinil com faixa bônus”, disse-o Prudêncio. Assim, mortal sendo, ciente do “fim do espetáculo” (“o aplauso o silêncio o nada”), que mais resta senão a palavra? Imprecisa, como sabemos, mas, não obstante, “guia mestra do poeta”.

E que se repare (é como fui capaz de ler): a palavra na labuta do poeta tangedor marinho Léo Prudêncio não é alguma espécie de iluminação supra ou sobre-humana, mas antes guia no sentido de labor. “A palavra é a rasura verbal das coisas”, diz ele. Seu papel, em poesia, é o de “corromper a imagem das coisas”. Corromper que interpreto em sinonímia com escavar, perscrutar. Trata-se, poder-se-á dizer, de escrever para buscar respostas ao viver, mas por não haver instrumentos precisos para tal, é sabido de ante-

mão que resposta não haverá. E eis isso a poesia: é a busca mesma, o ato buscador. Como escreve o poeta, “a resposta/ está no / ato de / indagar”. Eis isso a poesia. Eis o compreender de que sou capaz.

## [ 6 ]

E eis que tendo tângido esse meu desejo de compreender pelas páginas atrás ficadas, tendo já mesmo alinhavado algumas linhas deste dizer de depois, um sentimento levou-me a levantar da cadeira, a abandonar a tela diante dos olhos, a ir às paredes habitadas de livros deste lugar que habito. Buscando mais compreender, andárilhei olhos e mãos pelas prateleiras. Busquei pelo poeta tangedor desta escritura, por sua poética já lavrada. Tenho-a aqui agora, ao perto da mão para o desejo de vê-lo mais ao longe – entenda-se: numa distância de tempo e de sentimento ficado. Tanjo meus olhos pelas linhas marcadas, há tempos, em sua escritura. O que terá ficado marcado de sua poesia na fosforescência que risquei em suas páginas, quando lidas, há tempos? Que memória terá ficado da emoção com que sua poesia me atingiu?

“Escrever poemas é como soltar / pássaros de suas

gaiolas”, marquei nas páginas de *Baladas para violão de 5 cordas* (2014). Adiante, noutra página, outra mancha fosforescente: “miravilha é suspender a realidade”. Difícil (impossível) será reviver a emoção de quando meus olhos primeiro deram com estas páginas e, por ela (a emoção), decidido, ordenado à mão o risco fosforescente a marcá-la ali, para que não fosse esquecida. Mas não podendo reviver o sentimento primeiro tal qual foi, o que agora me salta aos olhos é ver que o poeta, já em sua nascença escriturada, proclamava uma palavra livre para poder ser palavra-de-poesia.

No tempo de depois, na advinda escrita do poeta – *Aquarelas: haicais* (2016) –, fiz ficar marcada uma de suas iluminuras, de suas imagens miravilhadas, que diz: “a carnaúba, na chuva, / bem que se assemelha a um / samurai em vigília”. Releio e digo-me: eis aí a realidade suspensa; a velha *copernicia prunifera* da paisagem sertaneja (da paisagem da minha janela) tornada num servo de um império oriental! Eis a teoria praticada, digo-me a mim com um semirriso ao rosto.

E quando o tempo tinha outra nominatura – 2017 era seu registro –, li linhas de *Girassóis maduros*. As páginas ficaram testemunhadas de muitas marcas. Das tantas, muitas riscaram-se sobre o “silêncio” (a palavra, e mais seus

acrescentos), em especial esta a dizer: “assim ele definiu a / poesia que o cercava: um / cardume de silêncios”; e est’outra, a confessar: “não fui feito apenas / do barro há vestígios de mar / rebatendo em meu peito”.

Como não ler/reler essas escrituras marcadas e não dizer (dizer-me): compreendo; as pegadas de sua poesia estão no caminho feito, nas águas tangidas até estas páginas de aqui. E que se compreenda: não há neste dizer-pensar determinismo qualquer; o poeta poderia (pode) enveredar por todos os caminhos, por todas as águas. Aliás, é isto mesmo o que compreendo como essencial: o fato de sua palavra não ser precisa (“imprecisa palavra” ela é). Imprecisa para poder dar conta de tudo, havendo mesmo de ser como declarou o velho bugre, já tão andeiro errante por estas páginas: “Não sou alheio a nada” (Barros, 2010, p. 49).

nenhum poeta é. Como poderia ser?

## [ 7 ]

E tendo escrito as linhas acima, tendo fincado-lhe um ponto final, tendo depois levantado-me a espiar o dia a derradeirar-se de minha janela (os samurais *copernicia prunifera* em vigília contra o alaranjado do céu), pensei e



disse-me: compreendi; tive de andarilhar pelas águas de tempo desse poeta para melhor perceber que sua poesia não é alheia a nada, que ela se faz de tudo, de sons e silêncios costurados, das arquiteturas de solidões de suas paisagens (Sobral *ou* Goiânia; sertão *ou* asfalto; a página *ou* o mundo – e retifico: onde se lê *ou*, leia-se *e*). Pensei e disse-me: compreendi; a poesia toda (o rebanho marinho de todas as criaturas e orgânicas) deste poeta é tudo isto feito palavra (imprecisa palavra), tudo isto que é poética (palavra, ainda que ingráfavel) das árvores e sua vivescência, tudo isto que é música (letra, som, silêncio). Compreendi, disse-me.

## [ 8 ]

Compreendi então (penso, pressinto) porque o poeta tangedor Léo Prudêncio quis apor à entrada desta sua poética o dizer de que “a emoção ficou no poeta, / não no poema”. Creio que o fez porque, enquanto poeta, sabe que nada *fica* em inteireza (tal qual) na palavra. Enquanto travessia, a palavra leva uma memória, uma semente. Semeada por quem a lê, o barro em que deitará raízes já não será o mesmo barro (tal qual) o do poeta. Nesse sentido, o que o poeta lega (o que deixa, o que intenta que *fique*) no poe-

ma é um aprendizado, uma partilha humanizadora. Não *a emoção* mas o aprendizado, a partilha da capacidade de *se emocionar* diante de um tempo e de um mundo regidos pelo total contrário deste gesto humanizador.

Bem pode que isto possa parecer despicienda sutileza, mero efeito retórico para florear (quicá disfarçar alguma falha de raciocínio ou argumentação), todavia não o é, creiam-me. Penso que quando um poeta cita, quando pratica essa enxertia, há de ser para que, por esse ato, algo novo (uma emoção nova, já não *tal qual* estava na página matriz) se faça.

## [ 9 ]

Compreendi, digo-me.

E não será esta minha a mesma (tal qual) a compreensão do poeta quando concebeu sua escritura. Disto eu sei. E é bom que assim seja. Talvez (ou certamente) essa escrita de depois só valha por isto: como registro ou testemunho de um aprendizado pela poesia. Por isso não ficou aqui, nestas linhas, lição qualquer a dizer do ser e não-ser da poesia, sequer uma precisa análise do que este livro é.

O atento leitor, a atenta leitora não encontrou aqui,

nestas linhas, referências às marcas da poesia concreta e suas reelaborações, à revisitação a certos imaginários e geografias (como o sertão), às alusões e aos usos de vocabulário musical, não encontrou alguma historiografia das formas poéticas breves (haicais) ou das relações entre escrita poética e música. Enfim, são os silêncios que aqui, de pronto, reconheço.

Mas confesso que não me agradaria escrever doutro modo. Penso que mesmo numa escrita de depois deve-se sempre cuidar o mais que se possa da liberdade de alma do leitor para escrever-em-si a poesia vinda do outro.

E penso que um livro múltiplo e aberto como é *Curral de peixes* pede essa liberdade. Não há de ter sido acaso que ao que é feito para prender (curral) Prudêncio tenha ligado viventes do mundo das águas, mundo fluido, desobediente das malhas de cercar e prender. Nessa imprecisão da metáfora (passe a redundância), li as liberdades que o poeta quis tanger em seu cardume de palavras: a sua (o que *fica* consigo, a emoção só sua) e a do leitor, em seu aprendizado de fazer da palavra uma “descruzadora de sentidos”.

\* \* \*

## Textos citados:

BARROS, Manoel de. *Manoel de Barros: encontros* [Entrevista]. Org. Egberto Gismonti. Rio de Janeiro: Azougue, 2010.

CANETTI, Elias. *Sobre os escritores*. Trad. Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

KAFKA, Franz. *Diários [1910-1924]*. Trad. Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

PRUDÊNCIO, Léo. *Aquarelas: haicais*. Guaratinguetá-SP: Penalux, 2016.

PRUDÊNCIO, Léo. *Baladas para violão de 5 cordas*. Guaratinguetá-SP: Penalux, 2014.

PRUDÊNCIO, Léo. *Girassóis maduros*. Belo Horizonte: Moínhos, 2017.

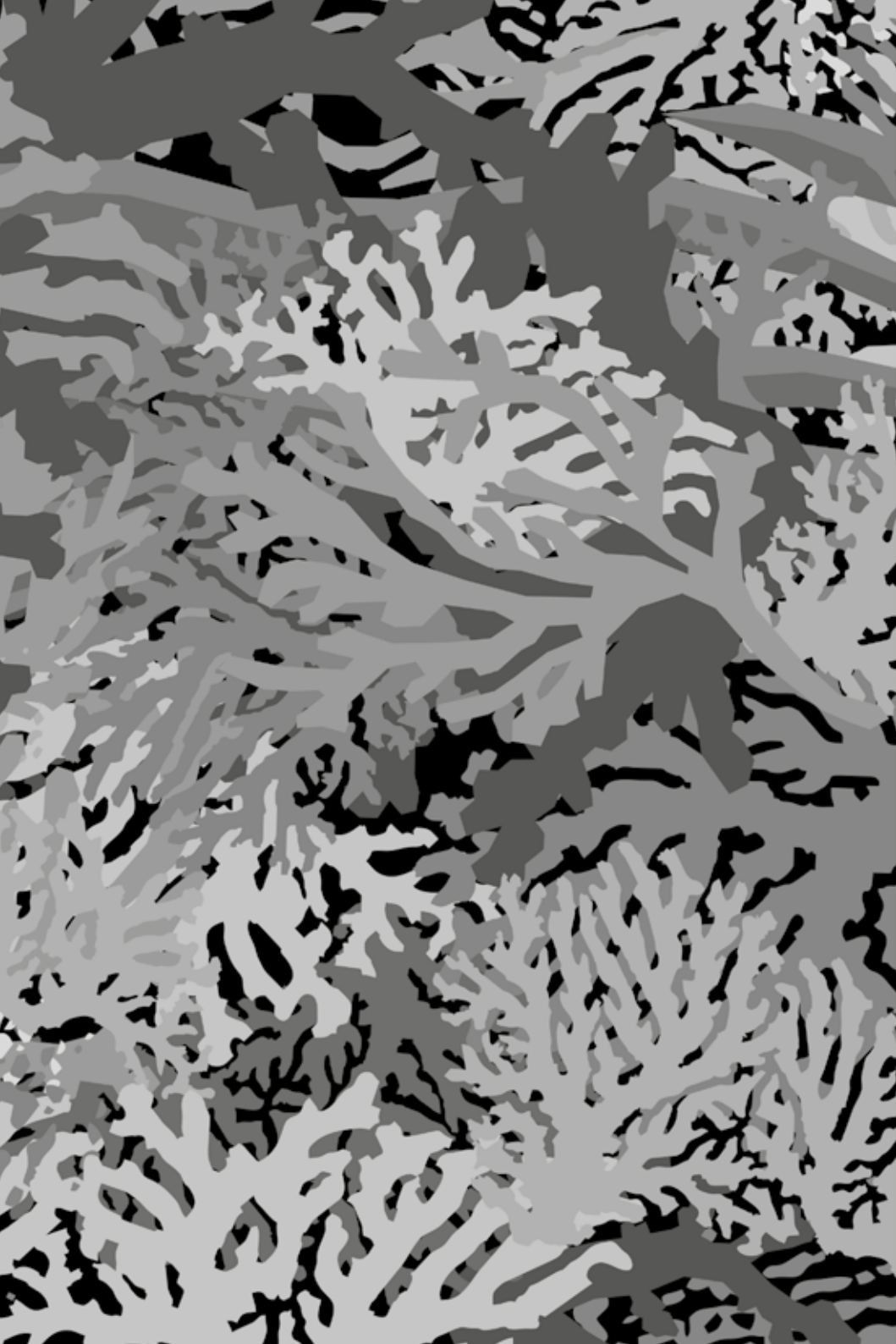
SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SARAMAGO, José. *A invenção do presente*. Disponível em: <<https://www.josesaramago.org/a-invencao-de-presente/>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

TAVARES, Gonçalo M. *O torcicologista, Excelência*. Lisboa: Caminho, 2015.

**\*Dércio Braúna** – historiador e escritor, é doutorando em história social (UFC), com pesquisas sobre as relações entre história e literatura, notadamente nas obras de Mia Couto e José Saramago. É autor de obras poéticas (dentre elas *Metal sem húmus; Aridez lavrada pela carne disto; Esta solidão aberta que trago no punho*), contos (*Como um cão que sonha a noite só*) e estudos historiográficos (entre os quais *Nyumba-Kaya: Mia Couto e delicada escrevência da nação moçambicana*).





“Todo compositor brasileiro é um complexado...”  
diz Tom Zé no disco *Todos os olhos* e eu me agarro  
a sua poética como a um patuá.

---

Esta obra foi composta em Georgia  
em abril de 2020 para a Editora Patuá